



ATOS ANTIDEMOCRÁTICOS

Tensão na análise das novas denúncias da PGR

Sessões da Primeira Turma do STF começam sob o mal-estar da recusa, pelo ministro Moraes, de um pedido da defesa de ex-assessor de Bolsonaro e da crítica ao processo pelos advogados de ex-diretor da PRF. Tendência é de que os cinco acusados tornem-se réus

» FABIO GRECCHI
» LUANA PATRIOLINO
» MAIARA MARINHO

A sessão da Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal (STF) começa a analisar, hoje, sob tensão, a segunda rodada de denúncias da Procuradoria-Geral da República contra os integrantes do chamado “núcleo gerencial” de tentativa de golpe de Estado, depois da eleição presidencial de 2022. Nesse grupo, constam os cinco integrantes apontados pela PGR como responsáveis pela estratégia de criar as condições para que a ruptura democrática fosse levada adiante — inclusive, negando informações ao governo federal sobre parte dos preparativos para as invasões às sedes dos Três Poderes, em 8 de janeiro de 2023.

A tensão para o começo da sessão — que hoje ouve os argumentos das defesas de cada um dos acusados — é por conta de dois episódios: o primeiro, a rejeição pelo ministro Alexandre de Moraes dos argumentos dos advogados de Filipe Martins (ex-assessor para Assuntos Internacionais do ex-presidente Jair Bolsonaro e apontado como o responsável por apresentar a minuta golpista) para que pudesse circular por Brasília; o segundo, o ataque que Silvinei Vasques (ex-diretor da Polícia Rodoviária Federal que orientou as blitzes no Nordeste, base eleitoral do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, fossem votar) fez ao processo que pode torná-lo réu.

No caso de Filipe Martins, o advogado Sebastião Coelho alegou junto a Moraes que o impedimento do seu cliente de se locomover livremente por Brasília impõe “uma restrição mais severa do que aquela já observada pelo requerente (Filipe Martins) em

Antonio Augusto/STF



No primeiro dia de sessões, Moraes lerá seu relatório contra os acusados e as defesas apresentarão seus argumentos iniciais aos ministros da turma

sua comarca de origem”. Desembargador aposentado, o defensor, porém, tem um histórico de desavenças com os integrantes do STF: numa das sessões em que argumentou pela defesa de um acusado pelo 8 de Janeiro, disse que os ministros eram as pessoas “mais odiadas” do país. A mais recente polêmica em que se envolveu foi quando não conseguiu acompanhar as sessões do STF que analisaram as denúncias do primeiro grupo de acusados — que tornaram réus, entre outros, o ex-presidente Jair Bolsonaro. Sebastião foi removido à força da

Corte, não sem antes, mais uma vez, atacar os ministros.

A justificativa de Moraes para negar que Filipe Martins pudesse transitar por Brasília foi que “a autorização para acompanhar o julgamento corresponde a excepcional alteração da situação do denunciado, em respeito ao princípio da ampla defesa, mas não significa uma verdadeira licença para fazer turismo ou atividades políticas em Brasília”.

“Relatório fraudulento”

Em relação a Silvinei, a defesa

afirmou que ele é alvo de “relatório fraudulento para sustentar narrativa de interferência nas eleições presidenciais de 2022”. O ex-diretor da PRF desistiu de acompanhar, presencialmente, o julgamento que ode torná-lo réu. Segundo seus advogados, a vinda a Brasília colocaria em risco o cumprimento de medidas cautelares impostas por Moraes.

Para os advogados de Silvinei, a 31ª Zona Eleitoral do Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Norte (TRE-RN), em Campo Bom, produziu “um relatório fraudulento e enviesado”,

utilizado para atribuir à PRF um esquema que teria interferido no segundo turno das eleições presidenciais — as barreiras que impediram os eleitores de comparecer aos locais de votação com intenção de prejudicar o então candidato Luiz Inácio Lula da Silva. As blitzes só foram suspensas quando Silvinei foi ameaçado de ser preso por Moraes, à época presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Além de Filipe Martins e Silvinei, a Primeira Turma analisará as denúncias da PGR contra o general da reserva Mário



A autorização para acompanhar o julgamento corresponde a excepcional alteração da situação do denunciado, em respeito ao princípio da ampla defesa, mas não significa uma verdadeira licença para fazer turismo ou atividades políticas em Brasília”

Trecho da negativa do ministro Alexandre de Moraes para que Filipe Martins pudesse transitar por Brasília nos dias em que a denúncia contra ele é julgada

Fernandes — que teria sido incumbido da articulação do plano Punhal Verde e Amarelo, que planejava matar Lula, Moraes e o vice-presidente Geraldo Alckmin — e os delegados federais Fernando de Sousa Oliveira e Marília Alencar — que estavam na Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP-DF) e teriam sonegado informações sobre os movimentos que desencadearam o 8 de Janeiro. A tendência é de que o colegiado mantenha, mais uma vez, a unanimidade de 5 x 0, e torne os cinco acusados em réus.

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

O caminho da Igreja de Roma depois de Francisco

Aos 88 anos, morreu papa Francisco, o argentino Jorge Mario Bergoglio, depois de longa enfermidade. Não foi de bronquite nem da pneumonia dupla que o mantiveram hospitalizado, mas de insuficiência cardíaca e acidente vascular cerebral (AVC). Sua morte não chegou a ser inesperada, devido à saúde frágil, mas surpreendeu, porque, no domingo de Páscoa, compareceu à bênção *Urbi et Orbi*, realizada na Praça de São Pedro, sendo aclamado pelos fiéis.

Contra as recomendações médicas, no domingo, o pontífice recebeu o vice-presidente dos Estados Unidos, J.D. Vance, durante um breve encontro. O primeiro-ministro croata, Andrej Plenkovic, e sua família também se reuniram com Francisco.

Como sempre acontece, nos bastidores do Vaticano iniciam-se

as articulações para sua sucessão, com a chegada dos cardeais que participarão do funeral. A eleição deve ocorrer no prazo de 15 a 20 dias após sua morte.

O filme *O Conclave*, de Edward Berger — agraciado com o Oscar de melhor roteiro adaptado de 2025 pela Academia de Hollywood, baseado no livro homônimo de Robert Harris —, é uma obra de ficção. Entretanto, descreve o rito da sucessão papal. Os cardeais se hospedam no *Domus Sanctae Marthae*, onde dormem e se alimentam, e discutem o futuro da igreja.

Confinados, escolhem o novo papa na Capela Sistina, sob o magistral afresco Juízo Final, de Michelangelo, que descreve a volta à terra de Jesus. Os votos são anônimos, lídes e queimados, até que um cardeal seja escolhido, em sucessivas votações, por uma

maioria de dois terços dos cardeais com a direito a voto. O povo acompanha a votação da Praça São Pedro. Uma fumaça branca representa o *Habemus Papam*.

A trama do filme é pura ficção, porém a disputa entre as correntes da igreja existe, sim. Dos oito cardeais brasileiros, sete participarão do conclave: Sérgio da Rocha, Primaz do Brasil e arcebispo de Salvador, de 65 anos; Jaime Spengler, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e arcebispo de Porto Alegre, 64; Odilo Scherer, arcebispo de São Paulo, 75; Orani Tempesta, arcebispo do Rio de Janeiro, 74; Paulo Cesar Costa, arcebispo de Brasília, 57; João Braz de Aviz, arcebispo de Manaus, 74. Raymundo Damasceno, arcebispo emérito de

Aparecida, que tem 87 anos, não poderá votar.

O comunicado oficial do Vaticano sobre a morte do papa resumiu seu legado: “Ele nos ensinou a viver os valores do Evangelho com fidelidade, coragem e amor universal. De modo especial, a favor dos mais pobres e marginalizados”. Francisco mudou de estilo e ênfase da Igreja Católica da alta teologia de Bento XVI à proximidade de pároco com povo, o “cheiro das ovelhas”.

Correntes políticas

O fato de ser argentino e a convivência com o peronismo fez de Francisco um ponto fora da curva. Nomeou cerca de 70% dos cardeais que participarão do conclave, a maioria de fora da Europa, um deles da Mongólia, pasto de apenas 1,3 mil católicos, segundo um crítico maledicente. Não será surpresa se o novo papa não for europeu.

Primeiro papa jesuíta da história, Bergoglio fez um apostolado de inclinação franciscana. Ser o primeiro Francisco teve um duplo significado: o pastoral, a piedade simples e próxima, com os

pobres e esquecidos, e o político, a ênfase na paz, nos direitos humanos e na ecologia. Não mudou os dogmas da Igreja.

Com a palavra-chave “acolhimento”, pautou o debate sobre o papel das mulheres, a homossexualidade, os divorciados, o diálogo com outras religiões, o que lhe valeu a oposição dos conservadores.

No Vaticano, sede da Igreja Católica, coexistem diversas correntes teológicas e espirituais (tomistas, agostinianos, jesuítas, franciscanos, carmelitas) ao lado de ordens e congregações religiosas (Companhia de Jesus, Ordem de São Francisco, Dominicanos, Beneditinos) e grupos como Opus Dei e Comunhão e Libertação. Entretanto, o que divide a igreja são suas correntes político-eclesiais. São elas que vão decidir o futuro da Igreja Católica romana.

Conservadores e tradicionalistas defendem a velha liturgia, a moral sexual rígida e são contra qualquer reforma. São liderados por cardeais escanteados de seus cargos no Vaticano: Robert Sarah (Guiné), Marc Ouellet (Canadá), Raymond Burke (Estados Unidos),

Gerhard Müller (Alemanha) e Carlo Maria Viganò (Itália), que foi excomungado por Francisco.

Moderados ou institucionalistas buscam o equilíbrio com atualizações pastorais sem afrontar as tradições. O cardeal Pietro Parolin, secretário de Estado; Oswald Gracias, arcebispo de Mumbai (Índia); o espanhol Fernando Vérgez Alzaga, governador do Vaticano; e o irlandês radicado nos EUA Kevin Farrell, prefeito do Dicasterio para os Leigos, lideram essa corrente e controlam a burocracia do Vaticano.

Os principais apoiadores de Francisco, progressistas e reformistas, querem um novo *aggiornamento* da Igreja, com reformas pastorais e mais diálogo com o mundo moderno. Pode ser que o novo papa saia dessa corrente, liderada pelos cardeais Luis Antonio Tagle (Filipinas), prefeito adjunto do Dicasterio para Evangelização; Matteo Zuppi (Itália), arcebispo de Bolonha; Jean-Claude Hollerich (Luxemburgo), relator do Sínodo da Sinodalidade e teólogo jesuíta; Robert McElroy (EUA), bispo de San Diego; e o brasileiro Leonardo Steiner, arcebispo de Manaus.